

# RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA  
GUIOMAR TORREZÃO

2.<sup>a</sup> SERIE

LISBOA, 10 DE JULHO DE 1881

NUMERO 32

GERENTE  
HENRIQUE ZEFERINO

**Summario.** — *Chronica alegre*, Guiomar Torrezão — *Bustos*, escorços lyricos, E. de C., Thalia — *Madrid*, exposição de bellas artes, Manlius — *Atravez do vinoculo*, Delfim de Noronha — *Rumores dos palcos* — *Carteira de um fantasista*, Luiz Guimarães Junior — Folhetins: *Albina*, George Sand — *Cardeal diabo*, Valentim Demonio.

## CHRONICA ALEGRE

### O COMETA

A fallar a verdade, a occasião não é das mais propicias...  
Sim, por mais ampla e bem figurada que seja a philosophia de uma pessoa...

Por mais evidentes que sejam os testemunhos que se hajam formulado com respeito ao desprendimento da existencia mundana...

Por mais que tenhamos ciliciado com o latego da ironia as nossas invenciveis superstições...

Nem por isso elle deixa de estirar pelo céu fóra a sua longa cauda insolente e perturbadora.

Em face d'este acontecimento que preoccupa no momento actual uma parte consideravel da Europa culta e não culta, achamos muito mais facil espetar o nariz para o ar, calculando os billhões de leguas que a nossa alma terá de percorrer para chegar ao céu, quando o cometa se resolver a dar cabo de nós, engulindo a terra, do que curvar a cabeça, molhar a penna e escrever uma *chronica alegre*.

Ora o cometa que acaba de introduzir-se subrepticamente, como um verdadeiro parasita, na intimidade amena das nossas bellas noutes meridionaes, propicias ao gargarejo e amamentadoras da poesia lyrica, este cometa que resvala do hemispherio austral, tendo a incrível audacia de pôr uma nota funebre na serenata jovial cantada pelo Tejo em louvor da casta Diana, que lhe atira do alto do seu balcão azul uma torrente de beijos luminosos, é tanto mais odioso quanto é certo que parece empenhado em realisar o vaticinio sinistro de Leonardo Aretino, um sabio italiano do seculo XIV, que prophetisou o fim do mundo para o dia 15 de novembro de 1881.

Eis aqui o programma fiel d'essa festa monstro, que deixará a perder de vista a parada de 24 de julho e a procissão de *Corpus Christi*.

- 1.<sup>o</sup> dia — *O mar inundará os rios.*
- 2.<sup>o</sup> — *A agua inundará a terra.*
- 3.<sup>o</sup> — *Morte dos peixes.*
- 4.<sup>o</sup> — *Morte dos animaes.*
- 5.<sup>o</sup> — *Morte dos passaros.*
- 6.<sup>o</sup> — *Desabam as casas.*
- 7.<sup>o</sup> — *Fendem-se as rochas.*
- 8.<sup>o</sup> — *Terremoto universal.*
- 9.<sup>o</sup> — *Desmoronam-se as montanhas.*
- 10.<sup>o</sup> — *Emmudecem os homens.*
- 11.<sup>o</sup> — *Abrem-se os tumulos.*
- 12.<sup>o</sup> — *Chuva de estrellas.*
- 13.<sup>o</sup> — *Morte de todos os homens a de todas as mulheres.*
- 14.<sup>o</sup> — *Destruição do ceo e da terra pelo fogo.*
- 15.<sup>o</sup> — *Resurreição geral e julgamento final.*

O sr. James Swormstedt, um professor americano, diverge na execução do programma, denotando por parte da fantasia americana uma inferioridade manifesta e inexplicavel em relação á fantasia italiana.

Affirma elle que no dia 12 de novembro proximo, Jupiter, a Terra e o Sol encontrar-se-hão por acaso, formando uma linha recta. Surgirá então no momento opportuno um cometa, que dará uma ca-

beçada enorme na Terra, fazendo-lhe um gallo. Acto continuo, a bola girará no espaço, como uma pobre ebria, e despenhar-se-ha no vacuo.

Muito bonito, e sobre tudo, muito dramatico!

Em vista do exposto, só nos resta preparar as malas, liquidar as contas, e... boa viagem!

GUIOMAR TORREZÃO.

## CARIÁTIDES

### Escorços dramaticos

## G. de G.

A provincia prepara-nos ás vezes surpresas assombrosas.

Como uma pobre victima imbelle, aguenta ella passivamente o epigramma, o trocadilho, o desdem hostile do *can-can* lisbonense.

Falla-se da provincia por cima do hombro...

Se por acaso ella se propõe fazer estylo, tira-se-lhe o chapéo, e pede-se-lhe com bonitas maneiras que passe de largo.

Se se lhe mette em cabeça fazer *toilette*, fugimos aterrados, anteendo animaes fabulosos, exhibindo figurinos prehistoricos.

Negamos-lhe competencia na sala, no theatro, nas letras, no guarda vestidos e na bota.

Permittimos-lhe, por um requinte de generosidade, que exporte trigo e azeite; mas por fórma alguma lhe consentimos que dê circulaçáo a idéas que não tragam a chancellia da córte, ou que apresente, officialmente, vestidos elegantes e ditos espirituosos; que não sejam talhados pelas nossas modistas ou inventados pelas nossas cabeças.

Tratando-se da possibilidade, hypothetica, de existirem mulheres bonitas fóra do perimetro onde desabrocham os lyrios estiolados, que brillam á noite alinhados na rua do passeio publico, e as camelias do asphalto, que se desfolham ao longo dos *trottoirs* do Chiado, os homens fazem uma ligeira concessáo aos seus principios de alfacinha intransigente, e citam as mulheres de Avintes, remadoras de tez brunida e acerejada e olhos negros, fendidos em amendoa, como os das circassianas...

Inesperadamente, porém, a provincia, essa boa pessoa modesta e resignada, que simula habilmente a humildade dos pobres de espirito, acorda, pega na sua dignidade esmagada e vinga-a, deslumbrando-nos.

Ah! elle é isso, segredou uma vez, tremula de colera, á sua praia de fina areia loura, que o mar, o eterno noivo, coróa de flores diaphanas e brancas como os botões da laranjeira, tu fazes-te fina, minha pretenciosa Lisboa, imaginas, pedante! que a respeito de gentileza, talento e *chic* só tu é que dás as cartas...

Suppões que não ha theatro senão o teu theatro, que não existem actrizes senão as tuas actrizes, e que a proposito da plasticia feminina, divinizada pela musa hellenica, só nos resta um exemplar, encadernado em pelle grossa e calçado de tamancos.

Espera que eu já te arranjo... (*relanceando um olhar pela villa*). Saltem para aqui cinco matadores: gentileza, intelligencia, espirito, distincção e... romance. E além dos cinco, a espadilha, sangue azul...

E aqui tem o motivo porque a Figueira enviou uma bella manhã a actriz E. de C. para a Trindade.

\*  
\* \*

Eu estava em Cascaes, lembro-me perfeitamente. Os periodicos que costume lèr entre a uma e as duas da madrugada, para chamar o somno, lia-os então depois do almoço, para matar o tempo. O excesso do calor e a fadiga do banho despertavam-me a nostalgia da rede. A falta de rede, emprehendia excursões interminaveis atravez do Sabara do noticiario, conduzida pelo dromedario do tedio, sorvendo paulatinamente o opio da local indigena.

Certo dia, o meu olhar distraido descobriu n'esse pobre noticiario, monotono como um discurso do sr. Pereira Dias, uma noticia *agaçante*...

«Diz-se, resava o jornal, que vae ser escripturada no theatro da Triidade uma intelligente senhora, pertencente á melhor sociedade da Figueira.»

Na Trindade... uma senhora... intelligente... e de boa sociedade!...

Ponhamos uma duzia de pontos de admiração, polvilhados de reitencias, pensei eu do alto do meu dromedario, e passemos adiante. Extraordinaria aventura!

Os jornaes que mentem sem rebuço, tratando-se de factos vulgares, d'esta vez, que se propunham entrar pelos dominios do maravilhoso, fallavam verdade!

\*  
\* \*

Uma pergunta innocente. O leitor sabe o que é uma mulher romantica?

«Pois não, minha querida sr.<sup>a</sup> Thalia, mulher romantica, mulher que faz romances, vide escriptora...»

Meu caro e amavel leitor, sinto deveras ir de encontrô á sua opinião respeitavel, mas a verdade, não obstante jazer no fundo de um poço, ha de ser sempre a verdade.

Não me levará por conseguinte a mal que eu, esforçando-me por destruir essa falsa noção, demasiadamente elementar, que existe no seu espirito, lhe affirme que a mulher romantica, a mesma que inspirou a Octavio Feuillet um livro encantador, *Le journal d'une femme*, é nem mais nem menos do que a antipoda da escriptora.

Procuremos um exemplo na scenographia.

Aqui temos uma arvore, uma nuvem, uma onda que a ardentia accende, envolvendo-a em espiraes de chammas.

O espectador não ignora que a lona e a tinta presidiram á concepção d'esse quadro artificial; entretanto, nem por isso deixa de compartilhar a mesma impressão intensa transmittida pelo scenario natural.

Essa visão que se reveste de uma vida pessoal para o publico, apaga-se ou não existe para os actores.

Questão de optica...

Entre a inexperiencia susceptivel de alimentar illusões e a realidade pratica incapaz de sustental-as, medeia a fatal linha de demarcação das *ribaltas*.

A mesma linha, sob uma designação diversa e uma fórma diferente, separa as imaginações exaltadas que edificam castellos de cartas nas nuvens, dos espiritos sedentos de poesia, que depois de crestarem as plumas das azas no fogo do pensamento, não podem eximir-se a descerem das nuvens para a vida real.

E aqui está o motivo porque a mulher que fantasia romances não se parece absolutamente nada com a mulher que os escreve.

\*  
\* \*

Já observaram alguma vez o effeito extravagante que produz uma rosa escarlata plantada em um canteiro de goivos amarellos?

Imaginem uma rapariguinha romanesca, uma cabeça ardente, povoada de diabinhos azues, fustigados pelo chicote dos nervos, que estalam nos corpos magros como as cordas esticadas de um *stradivarius*, comprimida no recinto estreito de uma provincia e reduzida á contemplação automatica e fastienta do wisth jogado, á mesma hora invariavel, pelo administrador de concelho e pelo cura, e á conversa material e sorna das tias ou da madrastra!...

Ainda se o deus Cupido se abstivesse, e as pessoas recebidas na sala aristocratica do sr. C. conhecessem Shakespeare e insinuassem no ouvido da creança incomprehendida o *But break, my heart; for I must hold my tongue!*

Quem sabe?... é possivel que a rosa tivesse permanecido no canteiro de goivos...

Não succedeu assim...

Amores contrariados, opposição paterna, desintelligencias de familia... Depois, os malditos diabinhos azues!...

Em resumo, o passaro arrombou a gaiola, largou a voar, e a walsista elegante, a pianista festejada do Club figueirense, caiu de subito no theatro da Trindade, transformada em actriz!

*Pour n'être pas plat*, escreveu Cherbuliez, *il est bon d'être un peu fou.*

D'esta vez, porém, parece que houve excesso...

## FOLHETIM

# ALBINA

ULTIMO ROMANCE POSTHUMO DE GEORGE SAND

SEGUNDA PARTE

SEXTA CARTA

JUSTO ODOARD Á SR.<sup>a</sup> DE NESMÉS

Castello d'Autremont.

Logo que elle exhalou o ultimo suspiro, Albina conservou por alguns instantes a mão entre as mãos do cadaver, e quedou-se immovel e muda. Não sei se ella daria por mim, pois que parecia não ter consciencia do que a rodeiava. Fui, a pedido do medico, buscar uma mulher de confiança para velar o morto e a filha. Era a hora da aula de desenho; entreguei-me aos meus habituaes estudos; e só tornei a ver Albina na tarde do dia seguinte, quando levaram o corpo. Quiz ella acompanhal-o, dizendo que aquelle pobre homem não tinha familia nem amigos em Roma, e que não deveria ir so-

sinho para o cemiterio. Comovido por um tal isolamento, offereci-lhe o meu braço, que ella accitou, dizendo: «Como é bondoso! Deos lhe conserve seus paes!» Todavia, no fim da escada, encontrámos alguns artistas de passagem em Roma, que conheciam a *signorina Fiori* e que informados da morte do pai, correram logo para acompanharem o enterro. Albina tomou então o braço de um velho director de bailados, e agradeceu-me, dizendo-me que estava dispensado da triste missão para a qual tão generosamente me offerecera. Depois, perguntou-me o meu nome, e ao entregar-lhe eu o meu bilhete de visita, encarou-me, como se ainda não me tivesse visto e quizesse fixar na lembrança as minhas feições. Tela-hia de bom grado acompanhado. Interessava-me aquella pallidez, aquelles olhos seccos e como que dilatados por um esforço sobre-humano; mas temi ser indiscreto, sobretudo no momento, em que ella tinha direito a todas as atenções. Esperava tornar a vel-a no dia seguinte... mas soube que partira de manhã cedo. Estava escripturada para S. Petersburgo, em virtude de um contracto firmado em Napoles, para a quebra do qual lhe escasseava a somma requerida. Nem sequer podia perder tempo a chorar pelo pae! Foi pelo menos isto que me contaram no hotel, onde fallavam d'ella com tanto interesse como estima. Fecho n'este ponto o meu parenthesis retrospectivo e volto ao serão de hontem. Estava eu bem longe d'este episodio romanesco e saboreava com todo o egoismo o chá que acabavam de servir-me, quando de repente me lembrei, com remorso, da viajante da carruagem. Pedi então ao guarda que fosse offerecer-lhe chá.

Doidice galante, em todo o caso, loucura feliz, feliz para mim e para os leitores, que lhe devemos umas das nossas mais brilhantes actrizes.

\*  
\* \*

E. de C. debutou no *Medico c6r de rosa*.

O publico, avido de boas vozes, encantado ao ouvir aquelle bello soprano extenso, melodioso, de um registro puro e limpido, subordonado á gymnastica da vocalisação e educado nos preceitos da harmonia, fez-lhe um acolhimento effusivo.

O céo da operetta irradiou n'essa noite o fulgor de uma nova estrella.

E. de C. trouxe para o palco o que elle raras vezes apanha, uma educação esmerada e um espirito fino.

Duas palavras, a proposito.

Em quanto a actriz franceza e italiana conhece as linguas e cultiva as artes, a actriz portugueza, á parte honrosas excepções, cultiva o namoro.

A culpa não é d'ella, coitada!.. Convenceram-n'a que o verdadeiro iman para attrair a gloria em Portugal, era a ignorancia, e ella, embalada por essa tranquillizadora garantia, deixou-se ficar ignorante só para não deixar de ser gloriosa.

Um ou outro caso isolado em que se provou, se acaso as excepções provam alguma coisa, que a educação litteraria não influi por maneira alguma na carreira do theatro, emprestou certa auctoriade, pelo menos apparente, a essa affirmativa banal.

A actriz E. de C., salvando no espaço de doze mezes o que muitos não alcançam em longos annos, subindo sempre e saindo victoriosa dos mais arrojados tentamens, como os mergulhadores audazes que vão, atravez da morte, buscar perolas ao fundo do oceano, e conquistando um anno depois de entrar para o theatro o posto superior que occupa no regimento artistico, demonstra irrefutavelmente que a educação litteraria, quando aliada ao talento natural, é susceptivel de produzir milagres.

\*  
\* \*

E. de C. é alta e magra como Sarah Bernhardt; possui uns grandes olhos escuros e scismadores, banhados de melancolia, onde fuzilam por vezes, como um relampago rasgando o seio de uma nuvem, as scintillações ardentes da juventude. Os cabellos escuros e abundantes desdobram-se em ondas capazes de afogarem esse corpo fragil, serpentino e leve como uma penna, que abriga no entanto

—O viajante é homem ou mulher? perguntou elle com expressão ironica.

Quem quer que é vem enrolado n'um grande capote e traz uma especie de g6rro, mas o sr. Champorel pretende que é um chapéu á moda de Paris e que o tal rapasinho é uma rapariga.

—Então razão de mais; vou já convidal-a.

—Espere, replicou o guarda, eil-a que chega.

Olhei pela porta aberta de par em par.

—É uma mulher, sem tirar nem pôr, acrescentou o meu companheiro, e nem sequer está disfarçada. É preciso que o conductor seja um grande bruto para a ter tomado durante toda a viagem por um rapaz!

A viajante entrou trazendo um capote de pelles debaixo do braço; pareceu surprehendida de encontrar-me alli. Suppozera ella, segundo colligi, que todos os creados do castello se tinham ausentado. Entretanto, nem por isso deixou de corresponder tranquillamente ao meu cumprimento, aproximando-se em seguida do lume. Levantei-me e fitei-a admirado. Seria uma illusão? Parecera-me reconhecer-a.

A minha attenção attrahio a d'ella; oihou-me por sua vez e estendeu a mão:

—Sr. Justo Odoard! disse-me com expressão ligeiramente enterrecida, não esperava tornar a encontral-o e sinto-me feliz ao apertal-lhe a mão. Nunca me esqueci das attenções que me dispensou, nem do interesse que testemunhou em uma circumstancia bem

uma vontade fogosa, indomavel, e a coragem petulante de um beiduino.

A actriz descende de uma familia hebraica, ainda como Sarah Bernhardt, e tem effectivamente no perfil delicado e ativo a linha d'essa raça proscripta que encheu o mundo.

\*  
\* \*

E. de C. é duas vezes *menina e moça*.

Entrou no palco no mez de outubro de 1880; entrou na vida no dia 22 de agosto de 1860.

O palco deu-lhe em troca da dedicação immensa que tudo lhe sacrificou, um bello nome artistico, referendando-lhe o diploma de primeira cantora de opera comica portugueza; o futuro realisarà por ventura em factos tangiveis as miragens que enfeitaram essa infancia romanescas.

THALIA.

## MADRID

### Exposição de Bellas Artes

#### I

Madrid durante uma semana transformou-se completamente, vestiu-se de galas, e ataviou-se á moda antiga para em procissão civica percorrer as suas ruas, celebrando o centenario do seu grande poeta dramatico Calderon de la Barca.

Foi uma verdadeira festa nacional e digna do povo que a celebrava.

Entre os numerosos festejos officiaes dedicados ao auctor da *Vida es sueño*, realizaram-se diversas e interessantes exposições. A de Bellas Artes foi sem duvida uma das mais notaveis e calorosas manifestações d'esta nação tão intelligente e entusiasta.

Seria necessario escrever um extenso volume para descrever detalhadamente ao leitor todas as bellezas que encerra a actual exposição. Abandonamos a idéa d'um tão longo trabalho, ainda que agradavel e proveitoso, por falta absoluta de tempo conveniente. Mostraremos sómente ao amavel leitor *la fine crème, les gros bonnets*, se as nossas forças estiverem á altura de uma empreza tão atrevida.

N'este labyrintho de novecentos quadros, o espirito extravia se

cruel para mim. Bastantes vezes tenho exprobrado a mim propria a falta que commetti, deixando de agradecer as suas finesas; mas eu fiquei como fulminada e com a cabeça perdida. Obrigada pois agora, e de todo o coração.

Apertou-me a mão de novo e ajuntou a meia voz,

—Não pronuncie o meu nome. Posso fallar-lhe sem que nos oíçam?

Respondi-lhe convidando-a a tomar uma chavena de chá, o que me forneceu pretexto de mandar o guarda para a cosinha preparar mais chá.

Soube então que Albina dançara durante quatro annos na Russia, obtendo um enorme successo e ganhando rios de dinheiro.

—Agora, disse ella, volto para a Italia, onde me offereceram escriptura. Mas, por emquanto, não estou resolvida a aceitar. Se o fizesse, optaria por Paris ou Londres. Todavia, sinto-me fatigada. O clima artificial em que se é obrigada a viver em S. Petersburgo estiola; tenho necessidade de algumas semanas de repouso e vou passar-as nas montanhas em que nasci. Para que ahí me deixem em paz, é indispensavel guardar um incognito absoluto. Quer prestar-me um grande serviço? Não diga a pessoa alguma que me encontrou aqui.

—Isso é tanto mais facil, respondi, que não conheço ainda ninguem n'esta terra. Ha apenas algumas horas que aqui estou.

—De passagem, como eu?

—Não; tenciono residir durante algum tempo em um grande

forçosamente pelos innumerados caminhos sinuosos do *demi-monde* artistico, e são precisos aturados esforços para enfim encontrar as largas e bellas avenidas da grande arte, que nos levam ao *foyer* immenso e luminoso, onde as idéas se ostentam puras, verdadeiras e banhadas por todos os lados de radiante fulgor e vivificadas pelo fogo sagrado e divino da inspiração.

Relativamente á pintura contemporanea, poucas vezes temos tido occasião de ver reunidas um tão grande numero de obras notaveis. Deduzimos, pois, que a Hespanha representa hoje briosamente uma epocha brilhante na historia da arte dos nossos tempos, que os vindouros hão de apreciar e julgar devidamente.

Os seus artistas estão-lhe escrevendo uma pagina eloquente, pagina de ouro, gravada pelo fogo da intelligencia e do genio. Rozales, Balaca, Sanz, Zamacois, Fortuny, já lhe escreveram as primeiras letras, verdadeiros *bijoux*, que mais parecem um sonho que obras humanas. Echegaray, Castelar, Pradilla, Plasencia, Casado, Degrain, Zorilla, Domingo, Vilegas e um sem numero mais de incontestaveis talentos em todos os ramos de conhecimentos humanos que vão continuando o glorioso trabalho, accrescentão as grandezas passadas da patria hespanhola, outras ainda maiores pelo seu character pacifico e verdadeiramente civilizador.

Estamos assistindo á transformação, e ao renascimento d'um povo inteiro, espectáculo grandioso e digno de se ver.

Os hespanhoes são artistas por intuição, fervem-lhes nas veias algumas gottas d'aquelle generoso sangue dos Abenceragens, de raça arabe, que tão bellos vestigios deixam da sua grande civilização.

Por tradição e intuição são levados naturalmente a tractar todos os generos de pintura e de assumptos, com o arrojo proprio da impetuosidade do character e do temperamento nervoso da sua raça. Possuem o sentimento da fórma e da côr em elevado grau. A antiga escola Veneziana não é superior em colorido a Murillo, o pintor do céu. Em Florença, em Parma, ou Bolonha, nunca ninguem modelou com mais graça e verdade que Diogo Velasquez, o pintor da terra. Juan de Juanes, o pae da escola Valenciana, é muito superior pelo lado ideal a Giorgionne. O admiravel quadro de Claudio Coelho que se encontra no Escorial, não é inferior, mas talvez superior á *Morte de S. Jeronimo*, do Dominichino e de tantas obras primas das escolas italianas. As *Conceições*, de Murillo, não valerão as *Madonas de Raphael*? Com certeza que sim, com a differença que Sanzio pintou no ambiente philosophico e ecclesiastico do Vaticano, rodeado de duas côrtes, a artistica e a cardinalicia; Murillo pintava em Sevilha, sem talvez saber ao justo as maravilhas que produzia; n'este ponto só conhecemos um pintor na Italia que se lhe possa comparar, é o mavioso Correggio.

castello perdido nas nuvens e erguido muito acima das nossas cabeças.

— Ah! bem sei, o castello d'Autremont; e o que vae fazer a esse castello?

— Trabalhar, na qualidade de architecto, por espaço de um ou dois annos.

— Conhece o proprietario?

— O duque d'Autremont? Por ora, não. Vem a caminho de casa. Esperam-n'o de um instante para o outro; é mesmo por isso que eu estou aqui, onde affirmam que elle parará, para dar tempo aos cavallos de descansarem e poderem trepar em seguida a ingreme estrada que conduz ao castello.

— Deveras? elle vem aqui? Poderei vel-o? exclamou Albina extraordinariamente commovida. Meu Deus! será isto um sonho?

Notando a minha surpresa, accrescentou:

— Não quero occultar-lhe cousa alguma, disse com uma tranquillidade tanto mais surpreendente quanto contrastava com o primeiro impeto; eu tenho pelo duque de Autremont uma afeição séria. Não se ria. Posso gabar-me que este sentimento faz a força e o orgulho da minha existencia. Já que vae conhecê-lo, falle-lhe de mim na primeira occasião e verá como elle lhe conta de que maneira nos encontrámos.

— E porque não heide sabel-o da sua bocca?

— Não! levaria muito tempo a contar, e eu não desejo que elle me encontre aqui.

Os pintores da moderna escola tambem querem deixar um rasto luminoso da sua passagem pela terra.

São poetas como os antigos mestres.

Uma sentida poesia de Gustavo Becquer, foi sufficiente para inspirar a Urgello uma das paisagens mais bellas que temos visto. Claudio Loreno, e Poussin, nunca sentiram tanto, nem tão poderosamente. Theodoro Rousseau é o mestre que o notavel paisagista hespanhol tem imitado, a ponto de o egualar.

Dios mio, que solos

Se quedan los muertos!

Eis o thema; agora vejamos como o notavel paisagista o desenvolveu.

É apenas um d'esses descuidados cimiterios de aldeia, sem monumentos de marmore, nem cruces rendilhadas; é o campo santo dos pobres com a sua eloquente nudez. Algumas cruces de madeira, pintadas pelo tempo, tão modestas que apenas se erguem do solo; muita herva crestada pelo sol ardente do dia e uns poucos de cyprestes, são as maiores galas que ostenta. Nada mais simples nem mais expressivo. A luz transparente e tenue d'um amortecido crepusculo dá ainda alguma vida a estes solitarios tumulos. No horizonte vê-se uma lista avermelhada; é o dia que diz adeus ao campo dos mortos, enviando-lhes um ultimo raio de luz e calor para melhor supportarem o frio da noute, que já começa a envolvê-los com o seu manto escuro.

Que quadro! que tristeza! quem não ha de exclamar com o poeta e com o pintor:

Dios mi, que solos

Se quedan los muertos!

## II

O edificio da exposição, expressamente construido e dedicado ás Bellas Artes, não se recommenda pela sua vastidão nem bellezas architectonicas. É um armazem dividido em diferentes compartimentos, construido de tijollo e coberto de gesso, ao qual applicam umas aguadas amarelladas, imitando o granito calcario.

Em compensação as suas salas offerecem ao artista, crente, fanatico d'estas peregrinações, muitas horas apraziveis e de estudo proveitoso.

Entremos na primeira sala: aqui os paisagistas predominam; comecemos pois por este genero e analysemos as duas primeiras telas que nos saltam aos olhos. São dous estudos esplendidamente

— E não lhe sorri a possibilidade de tornar a vel-o?

— Sem duvida, mas não aqui. Sabe se elle se tornou a casar?

— Não; affirmam que tenciona ficar viuvo.

— Tem filhos?

— Não tem. Vive só, e assim deseja conservar-se.

— Pobre anjo adorado!... Provavelmente a morte da mulher deixou-o inconsolavel.

— Tambem não é isso. Parece que se deram mal.

— Então o que é?

— Quem sabe? Talvez a signorina Fiori...

— Eu? que loucura! Eu nunca fui nem serei coisa alguma na vida d'elle.

— E elle, o que é na sua?

— Na minha? tudo! Mas que enorme differença!...

— Vamos lá, conte-me isso. Vou mandar deitar o guarda que anda aqui á roda de nós.

— Pois sim; como queira. Posso referir-lhe o que fui e o que sou. Quando se é bailarina, e se está condemnada a apparecer quasi nua diante de toda a gente, é bom ter uma alma susceptivel de se despir com a mesma sem-ceremonia com que se despe o corpo.

Trad. livre de

PAULA RAMANZI.

(Continua).

executados, cheios de *verve*. «*Um jardim*» e «*Um jardim e estufa de inverno*,» ambos do distincto pintor Sainz y Saiz. Este notavel artista eguala os mais notaveis realistas que vimos outro tempo no Salon; Bastian Lepage, o propheta do actual realismo, não interpreta com mais verdade, embora seja um pouco mais minucioso no detalhe.

«*Lavanderas en el Manzanares*», do mesmo pintor, é uma primorosa vista do celebre rio, a quem Alexandre Dumas enviou um dia um copo d'agua. Desde esse tempo que o copo d'agua de Dumas tem augmentado as aguas do Manzanares; foi um milagre digno da varinha de Moysés.

«*Paisage*» e «*Una huerta de Toledo*», são dous estudos interessantes e finamente executados. Todos estes trabalhos fazem a maior honra ao sr. Sainz y Saiz e certamente hão de merecer a attenção do jury.

O sr. Wahlberg, notavel pintor da Suecia, enviou tres apreciaveis telas intituladas: «*Charca en un bosque*», «*Salida de la luna sobre el Sund*» e «*El Báltico*» (estudio). Conhecemos este artista da ultima exposição de Paris, (1878), e tivemos occasião de julgar o legitimo e bem merecido successo que alli obteve. Wahlberg é o pintor dos bellos effeitos de luar nas florestas e nos mares do Norte.

N'este difficil genero de *clair de lune* não conhecemos quem lhe leve a primazia.

As quatro bellas paisagens do sr. Espina y Capo, tem certa originalidade de maneira, notaremos sobre todas a que o artista intitula: «*Poniente*» uma impressão justissima e deliciosamente executada. N'esta paisagem ha muita vida e muita luz.

«*Vista de Alcalá de Guadaira*», desenho a carvão do sr. Sanchez Perrier, é talvez o melhor desenho da exposição e uma das mais bellas paisagens.

O trabalho do sr. Perrier não é inferior aos do mesmo genero do celebre desenhador francez Allongé, gostamos até um pouco mais do artista hespanhol, por ser menos amaneirado.

O celebre paisagista Urgell, de quem ha pouco fallámos, tem na actual exposição duas telas que nos surpreendem pela sua inferioridade, «*Paisage*» (*Gerona*) e um «*Ocaso*.»

Ninguem dirá que é este o mesmo pincel que pintou a «*Oração da tarde*», hoje existente no Museo do Prado. O distincto poeta dos crepusculos, já não os observa com aquelle mesmo sentimento que nos arrebatava na traducção da poesia de Gustavo Becquer.

Urgell pinta hoje *de maneira* e tornou-se um pessimo rotineiro. Os seus admiradores *quand même* louvam a sua «*Gerona*», e tecem-lhe innumerables elogios, como sendo uma das melhores produções da sua nova maneira de pintar.

Infelizmente, não temos o gosto de concordar com a critica entusiasta feita á nova phase que tomou o talento do sr. Urgell; em o nosso entender não passa d'um *modus vivendi*, que honra mediocremente o nome já adquirido pelo pintor de Barcelona, uma das primeiras notabilidades do nosso tempo.

«*Recuerdos de Granada*» do sr. Muñoz Degrain, é um optimo estudo, muito verdadeiro e bem pintado. Não ha escolha de *motivo*, é simplesmente um *recuerdo* da celebre cidade dos arabes, em tempo de inverno e magistralmente pintado. Mais adiante teremos oc-

casião de fallar d'este eximio artista, que é uma gloria valenciana.

«*Vista del bosque de Fontainebleau*», paisagem do sr. Macaya, de Tarragona. *Sous-bois* sombrio, onde a luz do sol nunca penetra, tal é a espessura da folhagem. É uma paisagem inteiramente franceza, uma filha dos alegres bohemios de Barbizon, onde as *rapias* dão mais tacadas que pinceladas.

Em todo o caso as pinceladas do sr. Macaya, são muito boas e explicam bastante o caracter do logar. N'este momento em que o calor da *villa coronada* nos transforma em brazeiros, causa-nos prazer contemplar a frescura da sua paisagem.

O sr. Morera y Galicia, de Lerida, expõe nove quadros que atrahem a attenção. Mencionaremos um que nos parece o mais importante da sua valiosa colleção: «*El anochecer en el lago Trasi-meno*.»

Quando Annibal ao concluir a celebre batalha em que os romanos estiveram quasi a terminar o seu poder na terra, olhasse para o ceo, dando graças aos deuses pela sua grande victoria, havia de encontrar n'essa atmosphaera o mesmo aspecto ensanguentado e sombrio que o auctor do quadro lhe deu ao copial-a.

O sr. Morera tabalhou muito em Italia, vê-se pelos numerosos sitios, reproduzidos nas suas telas, d'esse encantador paiz.

Para não nos afastarmos muito do genero, mencionaremos algumas marinhas, entre ellas a do sr. Abril y Blasco com o seu *Puerto de Valencia*.

D. Tomás Campuzano, expõe um estudo muito sensato da *Bahía de Santander*.

O sr. Perez del Camino enviou *Una goleta carbonera inglesa*, quo nos faz recordar Isabey. Gostamos muito do seu modo de pintar marinhas.

(Segue.)

MANLIUS.

## O NOSSO FOLHETIM

Damos aos nossos leitores uma grata noticia. As *Ribaltas* vão publicar em folhetins um romance, original de Gervasio Lobato, expressamente escripto para o nosso semanario. O romance, cujo titulo é por enquanto um mysterio, será uma chronica da actualidade, delineada com a *verve* scintillante e elegantissima que caracteriza o festejado escriptor. É só depois d'esse romance que daremos o *Jesuite rouge*, já annunciado.

## CARTEIRA DE UM FANTASISTA

LONGE DA PATRIA

Se tivesses cahido á sombra das montanhas,  
Lá onde a planta, o fructo e a flor são immortaes,  
Se em vez de succumbir n'estas terras estranhas  
Morressesé, filho meu, na terra de teus paes;

## FOLHETIM

### O CARDEAL DIABO

(ULTIMA NOITE DE HOFFMAN)

IV

Era no dia seguinte:

Fizeram-me entrar na caverna, amarrado a um jumento pelado, de grandes orelhas, ossudo e faminto, — o que restava d'um pobre poeta lyrico. A bruxa erguia o azorrague sobre a anca do herbivoro sentimental, mas quem recebia os açoutes era a minha face infamada. Á medida que penetravamos, ia apertando o calor, e a luz affogava-se. O terreno irregular e plutonico difficultava a marcha;

pelas paredes, cheias de angulos, de estalactites, de fendas, de *fu-merolles*, desciam esqueletos de garrotados, de que pendiam, medonhamente sordidos, farrapos de antigas roupas imperiaes. Pelo chão montuoso, animaes singulares, d'aspectos vagos de aranhas, enormes pernas, punham mitras reluzentes nas cabeças, de uma grande alegria de matizes. No fundo dos nichos, por entre as arcarias phantasticas da ampla construcção, graves macacos de oculos estudavam latim, com applicação de professores, enquanto diabos verdes, amarellos, as suas pennas de pato atraz das orelhas, passavam atarefados, de caudas espiraladas, como escriviães laboriosos. Finalmente, parámos. A bruxa soltou-me os braços e pude saltar do jumento. Os guardas de monsenhor fizeram-me alas e entrei na camera do principe Satanaz; via-se meio nú no seu leito de spathoflor, um grande cachimbo nos labios, o mesmo olhar triste, amotecido e fatal. Ninguem diria, encarando-o, que estava alli o assombro de toda uma raça crente, o tormento de um mundo supersticioso. O seu aspecto de padecente do figado, era o d'um burguez

Se Deus me houvera dado a suprema ventura,  
A mim, que nada espero e nada ambiciono,  
De abrir a tua cova ao pé da sepultura  
Onde jaz minha mãe dormindo o eterno somno;

Se a manhã tropical baixando da alta serra  
Em seus braços colhesse, extatica e fagueira,  
O espirito gentil que te animou na terra,  
Como o perfume anima à flôr da larangeira.

Se ao murmurio fugaz da aragem maviosa,  
Que desce da palmeira ao valle adormecido,  
Exhalasses, oh harpa angelica e saudosa,  
Teu suspiro final e teu final gemido;

Se os doudos colibris, alados diamantes,  
Vagabundos rubins, saphiras implumadas,  
Cercassem-te o caixão nos vôos fulgurantes,  
Como um roto collar de gemmas espalhadas;

Se a voz dos sabiás, os bardos da tristeza,  
Os poetas da aurora e do final do dia,  
Te saudasse ao passar, oh mimo de pureza,  
Alvo botão de flôr, morto quando se abria;

Se teu corpo descesse á lugubre morada  
Seguido pelo olhar fraterno e carinhoso  
Dos amigos fieis, que lá na Patria amada,  
Soffrem com minha dôr e exultam com meu gozo;

Ah! Gabriel! talvez minh'alma, infausta e exangue,  
Não curtisse a amargura atroz que a vae minando;  
Nem chorasse, meu filho, as lagrimas de sangue,  
As torrentes de fel que agora está chorando.

Pois alli entre os meus, alli na nossa terra,  
Grande e nobre e festiva,—eternamente em flôres,—  
Alli onde o sepulchro, a propria campa encerra—  
Bello oasis final—miragens de esplendores;

Dormirias feliz ouvindo as cantilenas  
Das aragens do sul vindas das serranias.  
Meiga, tão meiga voz como as cousas serenas  
Ditas por tua mãe quando tu lhe sorrias;

Dormirias feliz, enquanto vagamente,  
Leve como o adejar d'um solitario pombo,  
Sobre ti verteria o seu olhar dolente  
A lua, a terna irmã dos sonhos de Colombo.

Velaria o teu somno a maga Natureza,  
A sublime immortal em cujo seio mora  
Tudo o que Deus creou na maxima belleza:  
As noites tropicaes e a tropical aurora.

enervado, impotente e tropego. Nenhum dos attributos de poder ou de magia junto d'elle. A purpura de cardeal envolvendo o seu corpo definido, o barrete cabido a um canto, o deleite das fumaças do seu cachimbo.

Parei diante d'elle, cruzando os braços,

— És audaz e bandido, disse monsenhor com voz lenta. Mas admiro os valentes. Que queres de mim?

— Que me concederás tu?

— Pedes muito?

— Muito.

— Vamos, conta-me a tua vida então, aventureiro.

— Ouve. Eu era escudeiro de meu amo, o velho senhor de Castello Negro, dono de capitania e roças, que vivia sózinho commigo no solar de seus avós. Elle fôra guerreiro na India, traficante em Moçambique, despota na America. Era medonhamente rico, avaro e decrepito. Tinha as chaves dos seus thesouros no segredo do seu jazigo de familia. Seduzia as filhas dos rendeiros, commungava todos

Os estranhos clarões de um sol indifferente,  
O pardo sol do inverno, exanime e sem brilho,  
Não viriam roçar a sepultura argente  
Que teus restos devora, oh filho, oh filho, oh filho!

Terias sobre ti a constellada esphera  
Vibrante de harmonia, ardente de fulgores,  
Onde Deus espalhou—etherea Primavera—  
Astros em profusão como no valle as flôres.

Terias sobre ti o pavilhão divino  
De um fulgurante céu de beijos estrellado,  
De um céu que me sorriu quando eu era menino,  
E que hoje chora, eu sei, por ver-me desgraçado.

E teu querido corpo, oh timida gazella,  
Na campa dormiria, alegre e venturoso,  
Ao dulcissimo olhar da eterna sentinella,  
Do Cruzeiro do Sul, calmo e silencioso.

A flôr, o astro, o céu, a planta rescendente,  
Longe estão... Tu aqui, rosa perfeita e casta,  
Em vez da Terra mãe tiveste unicamente  
Uma campa estrangeira,—um seio de madrastra.

Roma, abril de 1880.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

## ATRAVEZ DO BINOCULO

### Theatro do Principe Real

ESTREIA DA ACTRIZ ESTHER E DO ACTOR RIBEIRO

O ARMARIO DAS AFFLIÇÕES, comedia em 3 actos, traducção de Ger-vasio Lobato.

A sociedade de actores do Principe Real, tendo á sua frente a actriz Esther e o actor Ribeiro da Trindade, realisaram a recita de abertura no sabbado 2 do corrente. Representou-se *O armario das afflicções*, uma comedia scintillante de vida e abundante de effeitos comicos engraçadissimos, em presenca dos quaes não ha *spleen* que não se funda instantaneamente em uma boa gargalhada desopilante e sadia, d'estas que refrescam o sangue como um copo de salsa parrilha.

O segundo acto d'esta deliciosa comedia, é um dos actos mais bem feitos e mais engraçados que temos visto. Não se imagina a serie de complicações que resultam de dois armarios, que, semelhantes aos alcapões das magicas, não fazem outra cousa em toda a noute senão engolir e vomitar gente, o amante, o serralheiro, o salvador!...

O terceiro acto, o acto do baile, em que Verandah promette a

os dias, e não dava esmolas. O seu passado escorregava em sangue, mas sabia o Padre Nosso. No inverno mandava-me ler narrativas fabulosas de Magriços enamorados, ao lume do grande fogão de marmore da sala, enquanto, no parque, cães raivosos ladravam, e rouquejava de longe a ventania. Amava aquellas aventuras dos cavalleiros dos torneios, a larga galhardia pimpona dos vencedores que iam ajoelhar diante das suas damas. E eu, adoravel e esplendido na minha figura ideal de pagem, enquanto lia, pensava nos thezouros escondidos, e accumulados por elle. Uma noite dormiamos. Tinham dado tres horas no grande relógio da torre. A escuridão vi-giava, pelos corredores do castello, o silencio das cousas. E eu revolviam-me na insomniã, architectando phantasticos paraizos de gozo sobre a posse dos milhões de meu amo.

(Continua).

VALENTIM DEMONIO.

célebre chavena de chá a tres personagens distinctos e um só verdadeiro, tem tambem uma serie de equívocos habilmente aproveitados, que accendem na plateia girandolas de gargalhadas.

A actriz Esther, que encetou no *Armario das afflicções* um genero inteiramente diverso d'aquelle em que está habituada a representar, revelou-nos uma nova fase do seu notabilissimo talento, dizendo e vestindo primorosamente o personagem de Verandah.

Esther pronuncia com inexcédível correcção, dando á phrase o *élan* e a inflexão nitida, realçada pela vivacidade do olhar e pela mobilidade espirituosa da physionomia, e tendo além d'isso a distincção suprema, superior mesmo á que o auctor exige da parte da actriz Verandah.

Com quanto o papel seja inferior aos recursos da illustre actriz, serviu elle no entanto para demonstrar-nos que Esther representa a comedia com o mesmo talento excepcional com que garganteia a opera comica. No primeiro acto deu-nos a graciosa artista o prazer de a ouvirmos tocar e cantar uma bonita walsa, e no intervallo do primeiro para o segundo uma encantadora romanza de Campana, *Vivere senza di te*, esplendidamente enlevée.

Ribeiro, que é sem contestação o nosso primeiro actor comico, arrancou ao personagem do serralheiro romantico uma creação typica, imprimindo-lhe o traço espirituoso, a linha finamente humoristica, a *nuance* naturalmente graciosa, que são os principaes caracteristicos do seu talento.

Torres fez tudo quanto humanamente pôde fazer um artista que tem de luctar com um confronto esmagador.

Pereira e Carlos de Almeida muito bem. Luiza Candida rasoavelmente. Eugenia desempenhou com muita habilidade um papel de criada. Do resto, não vale a pena fallar.

## Theatro dos Recreios

POMPON

Duas palavras apenas, para não cairmos em repetições inuteis e de todo o ponto inoportunas, visto que em virtude de uma serie de contratempos que levariam muito tempo a contar, chégámos exactamente quando elle, o *Pompon*, fazia as suas despedidas.

O que se vê, porém, mesmo sem oculo de alcance, é que a companhia portuense, que está fazendo a sua *villegiatura* nos Recreios, dispensa os louvores da critica, por tal maneira correram para ella irresistivelmente as sympathias do publico.

Mais vale cair em graça...

Não é que falte este predicado aos artistas portuenses, mas quantos vemos nós por ahí a quem elle sobeja, sem que por esse facto enriqueçam as emprezas?...

Amelia Garraio, que desempenha o *travesti*, possui alguns dotes apreciáveis, tem a desenvoltura indispensavel ao genero que cultiva e canta regularmente.

Thomazia Vellozo é uma *bouquetière* gentilissima, conservando ainda na mesma frescura os trinados juvenis e argentinos que foram durante uma epocha a delicia do *dilettantismo* da Rua Nova da Palma. Achamos-lhe comtudo uma differença: mais ossos e menos sorrisos, o que não altera o valor do seu bello talento, ligeiramente *gamin*.

Delmira Mendes e Carmen são duas atrizes distinctas.

Gama interpretou com boa naturalidade comica o personagem do vice-rei, exagerando menos e valendo incontestavelmente mais do que o actor Dias.

Foito fez do ministro da policia uma *charge* engraçadissima.

Os côros magnificos, não prevaricando... senão pelos pés; boas notas, pessimas meias, sapatos medonhos, vozes excellentes, de uma afinação em geral plenamente satisfactoria.

Além d'isso, guarda roupa magnifica, orchestra bricsamente regida por Alves Rente, um maestro de raro bom gosto, que tem nas partituras do *Verde Gaio*, *Rocas de Crystal* e *Guizo* tres diplomas de incontestavel valia, e *mise-en-scène* escrupulosa, denotando por todos os modos a competencia de Augusto Garraio.

E para coroar todos estes predicados, sobretudo no ponto de vista da empreza, uma enchente estonteadora, mergulhada em um calor vulcanico.

## A PERICHOLE

Depois do *Pompon* e dos *Dragões*, a companhia portuense deu-nos a *Perichole*.

A' ultima hora, Amelia Garraio substituiu Manzoni, facultando-nos assim ensejo de vermos uma nova encadernação da *Perichole*, uma das mais brilhantes figuras de opera comica, graças á musica petulante e doidamente alegre de Offenbach.

Inferior, como cantora, á actriz Manzoni, Amelia Garraio levallhe grande superioridade como actriz.

Diz bem, é animada e viva, possui uns bons olhos negros expressivos e uma bôca graciosa, que sabe *détailler* o couplet; pena é que esses dotes naturaes, indispensaveis as *étoiles* da opereta, sejam em parte eclipsados pela demasiada nutrição.

Entre todos os trechos cantados pela actriz portuense, e que em geral careciam de mais colorido, como a *seguidilla* do primeiro acto, especializamos a carta, que o publico cubriu de applausos.

Gama fez com muita graça e muita naturalidade a parte do vice-rei.

Foito e Diniz interpretaram discretamente os personagens do conde e de D. Pedro. O mesmo não podemos dizer de Wamueyl. Francamente, o Piquillo da *Perichole* será tudo o que quizerem, excepto um marujo.

Ora o actor portuense deu-nos em vez de um bohemio, esbelto e alegre como um pintasilgo, a vera effigie do marinheiro gingão; se tivesse substituido a musica de Offenbach pela trova nacional.

*Esta vida do marujo, etc.*

a illusão era perfeita.

Um dos principaes attractivos da *Perichole* da cidade invicta são as tres priminhas, Thomazia Vellozo, Delmira Mendes e Carmen. Não são tres primas, são tres fagulhas, tres diabretes, que atravessam o libretto, pondo-lhe um encanto excepcional, uma effervescencia de Champagne *frappé*, verdadeiramente scintillante.

A *mise-en-scène* é tambem animadissima, brilhando os comparsas pela excellente disposição dos grupos e pela desusada vivacidade das figuras, facto excepcional em theatros portuguezes.

DELFIN DE NORONHA.

## RUMORES DOS PALCOS

Transcrevemos da *Actualidade* do Porto:

«Despediu-se ante-hontem do publico portuense a illustrada *troupe* artistica do theatro de D. Maria, de Lisboa. Repetiu-se a *Estrangeira*, que obteve o exito das recitas precedentes, sendo todos os interpretes vivamente applaudidos.

No fim do spectaculo foram chamado ao palco as atrizes e os actores, recebendo todos as maiores demonstrações de sympathia e apreço, em palmas e *bravos* entusiasticos. O publico fez uma chamada especial a Virginia; os seus collegas acompanharam-a até á ribalta, retirando-se em seguida para o fundo.

Este acto de extrema dignidade artistica fez que com o publico redobrasse de entusiasmo.

Virginia, innegavelmente uma das primeiras artistas dramaticas do nosso paiz, e a unica no seu genero, recebeu uma ovação calorosa, manifestada em palmas e *bravos*; os mais entusiastas arremessaram chapéus á scena e agítaram os seus lenços brancos.

Merecia esta manifestação a sympathica e illustrada *troupe*, que tão excellentes noites de distracção nos proporcionou, e que tão cedo, infelizmente para nós, não teremos. Uma companhia assim, tão equal, tão selecta, tão distincta, é effectivamente digna das nossas mais sinceras demonstrações de sympathia.

O theatro estava litteralmente cheio, vendo-se nos camarotes as principaes familias portuenses.

No comboio da manhã de hontem regressou á capital a companhia, com excepção dos actores João e Augusto Rosa, que partem hoje para o Minho em viagem de recreio.»

# SECÇÃO DE ANNUNCIOS

## LUVA AROMATISADA

Da secção de luvaria do «Centro Commercial» enviam para qualquer destino a troco de estampilhas ou valles do correio, luvas aromatizadas manipuladas da melhor pellica estrangeira e nacional. O preço d'esta, tendo 4 botões as para senhora e 2 as de cavalheiro, são 500 réis!!

Em Portugal nunca se usou boa luva tão barata, attendendo á superior qualidade como é a luva aromatizada do «Centro,» rua Aurea, 120 e 122.

Tambem ha de outras luvas para todos os preços, assim como magnificos objectos para presentes.

O «Centro» é a casa da moda.

## PORTUGAL DE RELANCE

PREFACIO DA TRADUCCÃO PORTUGUEZA

Primeira, unica e ultima resposta da auctora aos criticos do seu livro

Um volume em 8.º, preço 200 réis.

Acha-se desde já á venda na Livraria Zeferino, editora, 87, Rua dos Fanqueiros, Lisboa.

Remette-se franco de porte pelo correio a quem enviar a importancia em estampilhas de 25 réis.

## TABACARIA NEVES

TEM UM VARIADO SORTIMENTO DE TABACOS NACIONAES E ESTRANGEIROS

VINHOS ENGARRAFADOS

FLORES E ARTIGOS DE CORTIÇA

42, PRAÇA DE D. PEDRO, 42

Vende varios jornaes e entre outros as

*Ribaltas e Gambiarras*

## RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

ACCEITAM-SE ANNUNCIOS

Na Livraria ZEFERINO

87, Rua dos Fanqueiros—Lisboa

CADA ESPAÇO 400 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Zeferino.

## LIVROS ITALIANOS

BONITAS EDIÇÕES MILANEZAS

ROMANCES E OBRAS CLASSICAS

A 300 RÉIS O VOLUME

LIVRARIA ZEFERINO—RUA DOS FANQUEIROS, 87

Encarrega-se de mandar vir livros e jornaes de qualquer ponto da Italia.

## EL MUNDO ILLUSTRADO

BIBLIOTHECA DE LAS FAMILIAS

HISTORIAS, VIAGENS, SCIENCIAS, ARTES E LITTERATURA

Um fasciculo de 32 paginas por semana com 64 columnas de texto luxuosamente impresso e muitas gravuras perfeitissimas

BRINDES TODOS OS MEZES

PREÇOS

Trimestre..... 2\$280 Semestre..... 4\$360 Anno..... 9\$120.

Recebem-se assignaturas na redacção do Almanach das Senhoras, Rua de S. Bento, n.º 218.

## P. J. A. CAMBOURNAC

OFFICINA DE TINTURARIA A VAPOR

14, LARGO DA ANNUNCIADA, 16

420, Rua de S. Bento, 420

LISBOA

## RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS

Lisboa	Cada numero.....	20 réis	Rio de Janeiro—Assignatura
	Assignatura de 25 numeros.....	500 »	de 25 numeros... 2\$000 réis
			Assigna-se em casa dos srs. Sousa Teixeira e Moraes Calabre—95, Rua dos Ourives, 95.

Assigna-se na Livraria Zeferino—87, Rua dos Fanqueiros, 87.

## DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

### FRANCISCO DE ALMEIDA

ESTÁ PUBLICADO O 23.º FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empreza

Antiga livraria Zeferino

87, RUA DOS FANQUEIROS—LISBOA

## ALMANACH DAS SENHORAS

PARA 1881

POR

### D. GUIOMAR TORREZÃO

PUBLICADO SOB A PROTECCÃO

DE

Sua Magestade a Rainha

11.º ANNO DA SUA PUBLICAÇÃO

Á venda em todas as livrarias.—1 volume com 407 paginas

PREÇO 240 RÉIS

## HISTORIA DE UM GATO PRETO

SONETO 20.º

Falla o Eduardo Coelho:

Maldito gatarrão! Oh, boa prenda,  
Que em premio de carinhos e de afagos,  
Ingrato te ergues causador de estragos,  
Protogonista de tragedia horrenda!

Não mais carapaus tenhas á merenda,  
Bicho mais fero do que os feros aragos,  
Não mais a tua dona gaste os «bagos»  
No bofe que anda pela rua á venda!

Vou contar no jornal a negra historia  
Com todos os «tim-tins» e seus porquês,  
Visto o caso ser digno de memoria

Todos hão de chorar! — e só talvez  
Ria á sucapa, a suspeitar «victoria»,  
O teimoso pimpão do 103.